

Introdução

Em *A Condição Humana* uma obra sobre a acção do homem enquanto ser livre e plural publicada em 1958, a filósofa alemã Hannah Arendt começa por delimitar o período correspondente ao início da era moderna, o século XVII, terminando assim no século XX.

Arendt considera que o mundo moderno teve início com as primeiras explosões atómicas, enunciando como objectivo de pesquisa:

as origens da alienação no mundo moderno, o seu duplo voo da Terra para o universo e do mundo para dentro do homem, a fim de que possamos chegar a uma compreensão da natureza da sociedade, tal como esta evoluíra e se apresentava no instante em que foi suplantada pelo advento de uma nova e desconhecida era. (Arendt, 2001: 17)

A autora emprega a expressão latina *vita activa* para caracterizar três actividades realizadas pelo homem: o labor, representado pelo *animal laborans*; o trabalho, pelo *homo faber*, “um produtor de coisas e ferramentas” (2001: 281); e a técnica e acção, pelo *homo sapiens*. Esta foi uma forma de crítica à Modernidade, numa tentativa de questionar a importância do homem no mundo e a sua consciencialização na definição dada à condição humana.

Arendt questiona-nos sobre “se o homem deve “ajustar-se” à máquina ou se a máquina deve ajustar-se à natureza do homem”. Assim sendo, defende a tese de que:

se a condição humana consiste no facto de que o homem é um ser condicionado, para o qual tudo o que seja dado pela natureza ou feito por ele próprio se torna imediatamente condição para a sua existência posterior, então o homem ajustou-se a um ambiente de máquinas desde o instante em que as construiu. [...] As máquinas exigem que o operário as sirva, que ajuste o ritmo natural do seu corpo ao movimento mecânico que lhes é próprio. [...] Enquanto dura o trabalho com as máquinas, o processo mecânico substitui o ritmo do corpo humano. Até mesmo a mais sofisticada ferramenta permanece como serva, incapaz de guiar ou substituir a mão; por outro lado, até mesmo a mais primitiva das máquinas guia o labor do nosso corpo até o substituir inteiramente. (2001: 186)

A autora considera que o homem moderno não está a perder as suas capacidades, mas a sua própria actividade humana é que está a ficar limitada. Hannah Arendt, afirma: “Os homens persistem em fabricar, fazer e construir, embora estas faculdades se limitem cada vez mais aos talentos do artista, de modo que as respectivas experiências de mundanidade escapam cada vez mais à experiência humana comum” (2001: 393-394).

Interessa-nos referir o porquê da temática utilizada. Devido ao facto de estudar e trabalhar num local onde anteriormente funcionou uma fábrica de moagens, senti necessidade, de investigar a sua origem, formação e qual a maquinaria que os seus

trabalhadores utilizavam. É denotado, naquele espaço, um vestígio da actividade industrial produzida pelas máquinas lá deixadas, pela cor e desgaste das paredes.

Na minha obra, a relação da fábrica surge do facto de esta estar associada não só a um espaço de trabalho, mas também de convívio e de aprendizagem, onde os seus ocupantes, na época, vivenciavam experiências e adquiriam conhecimentos relacionados com o seu trabalho. Desta forma, o que fica desse legado na consciência humana é a memória do espaço e as suas sensações, experienciadas quer a nível físico quer psicológico.

Essa materialidade transparece na obra gráfica, por mim criada em paralelo, onde as cores utilizadas remetem para os tons terra e cinza, estabelecendo uma relação com as madeiras e os metais predominantes nesse espaço.

É a partir da representação figurativa da estrutura do corpo humano, do sistema esquelético, articular, muscular, nervoso, circulatório, linfático, etc., que são produzidas composições recorrendo aos elementos aqui enunciados e desenhos de máquinas: a vapor, agrícolas, hidráulicas, estruturas mecânicas e turbinas. Existe uma analogia entre ambos, que resulta na figuração do homem-máquina, onde as imagens destas máquinas são moldadas e construídas em ligação com a estrutura do corpo, cujos órgãos são substituídos por peças mecânicas.

Esta dissertação tem como objectivo a reflexão de questões sobre o corpo e a máquina na sua relação com a Arte. Ao longo de várias décadas, o corpo tem sido utilizado como base para trabalhos artísticos e ganha maior atenção na contemporaneidade. As percepções das práticas corporais podem ser de carácter histórico, religioso, étnico, social e cultural, e focam várias áreas em que são realizadas diferentes abordagens do corpo. Entre outras, podemos referir a Estética, a Filosofia, a Ergonomia, a Antropometria, a Dança, a Performance e o Happening.

Partimos do pressuposto que a ideia de corpo/máquina é herdeira de uma concepção de corpo-objecto construída no processo civilizacional da Modernidade. Desta forma, propomo-nos traçar um paralelismo das analogias entre homem e máquina, cujos objectos são construídos hoje em dia para facilitar ao homem o manuseamento, pensados e ajustados à sua medida.

Assim, a questão não é tanto se somos senhores ou escravos das nossas máquinas, mas se estas ainda servem para o mundo e as coisas do mundo ou se, pelo contrario, elas e os seus processos automáticos passaram a dominar e até mesmo a destruir o mundo e as coisas. (Arendt, 2001: 190)

Por fim, renunciando a quaisquer conclusões definitivas, esta dissertação coloca algumas questões antropológicas e éticas da actualidade, sendo a base antropológica desta questão a condição de conceber o corpo como objecto. Esta é

uma perspectiva mecanicista de conceber o universo que se estende aos mais diversos elementos da natureza, entre eles o corpo humano.

Com o advento da Modernidade, foi evidente a influência da sociedade industrial nas obras e movimentos artísticos do início do século XX. Dadaístas, Surrealistas e Futuristas começaram a representar o corpo humano de inúmeras maneiras: fragmentado, transformado, dilacerado e amputado. Esta perspectiva permitiu aos artistas contemporâneos um maior aperfeiçoamento e exploração da figuração do corpo, através do uso da fotografia e do vídeo.

Passado o tempo das revoluções, o artista teve a necessidade de se isolar, para se poder observar a si próprio e ao seu mundo interior. É com a auto-descoberta, que surge a emancipação do indivíduo. Há uma libertação da mente, na forma como transpõe os sentimentos interiores, e uma consciencialização de si mesmo e das suas capacidades como ser criativo.

Por outro lado, os artistas dos anos 90, do século XX, beneficiavam de “novos meios”, fazendo uso dos CD-ROMs e da internet, de software especializado, podendo mesmo tirar partido da interação com o espaço virtual. Utilizaram para a concepção das suas obras, ferramentas mais acessíveis, do ponto de vista económico, como era o caso da câmara de vídeo portátil, permitindo-lhes a exploração tecnológica das mesmas.

Anna Maria Guasch, num artigo intitulado “Los cuerpos del arte de la posmodernidad” considera que:

Partiendo del supuesto de que la construcción del yo es más conceptual que natural y de que el organismo humano, al margen de la evolución darwiniana, puede construirse con la ayuda de medios informáticos y cirugía estética-plástica, algunas prácticas corporales de principios de los años noventa apuntan hacia un nuevo modelo de individuo “poshumano”. (2004: 63)

Esse modelo de indivíduo a que se refere a autora é aquele, cuja aparência seria uma mistura entre o humano e o tecnológico, um corpo denominado pós-humano.

No final do século XX, houve uma enorme diversificação e proliferação dos meios artísticos: o homem rendeu-se a uma sociedade dominada pela indústria informática, pelas novas tecnologias, pela genética e pelo consumo. Os meios comunicacionais, confrontaram-no com novos padrões de beleza, onde cada um podia, com a ajuda da tecnologia, “fabricar o seu corpo”, sujeitando-o a modificações e alterações.

Com a evolução da cirurgia estética, o homem pode manipular a sua aparência e construir a imagem por si idealizada, contribuindo para o uso e abuso da

transformação, que é feita ao corpo, e que, em alguns casos, é levada ao extremo na contemporaneidade.